XXII. OS AVANÇOS E OS RECUOS

Aqui estão, então, os dois corpos místicos em presença: a Igreja e a Besta. Nós examinamos os vários aspectos da besta e o comportamento dos demônios que a compõem ou, melhor dizendo, a estimulam. Agora precisamos observar as fases e a fisionomia do próprio confronto. Após estudar os combatentes, devemos estudar o desenvolvimento da batalha.

Primeiramente, ouçamos o Papa Leão XIII, desde as primeiras palavras da encíclica *Humanum Genus*, descrever os dois campos inimigos:

> "*Desde que, pela inveja do Demônio, o gênero humano se separou miseravelmente de Deus, ao qual era devedor do chamado à existência e dos dons sobrenaturais, ele se dividiu em dois campos inimigos, que não cessam de lutar, um pela verdade e pela virtude, o outro por tudo o que é contrário à virtude e à verdade.*"

Qual é então a situação dos dois chefes? Cristo já apareceu na terra onde criou instituições espirituais. Ele organizou hierarquicamente a milícia de seu corpo místico. No entanto, Ele não está visivelmente na terra. Ele permanece invisível, sentado 'à direita do Pai'.

Quanto ao Anticristo, ele também está invisível por enquanto. Ele só aparecerá no fim dos tempos, por um período muito breve, e será imediatamente derrotado, ele e a besta.

Os dois corpos místicos, devido à situação de seus respectivos chefes, são comparáveis a dois gêmeos, onde um 'se apresenta bem', a cabeça saindo antes do corpo, e o outro 'se apresenta mal', a cabeça saindo por último. Um está vivo, o outro será natimorto. Esta comparação não é desprovida de interesse porque explica a posição relativa dos dois chefes e antecipa o estado dos dois corpos místicos pela eternidade.

Vamos agora examinar os objetivos de guerra dos dois chefes que acabamos de situar em relação às suas tropas. Observemos que, ao descrever um combate, será conveniente para nós recorrer a imagens e termos de ordem militar.

Comecemos pelos objetivos de guerra de Satanás. O que importa acima de tudo para ele é preparar o reinado de seu 'representante', o Anticristo, pois esse reinado será sua manifestação principal; marcará o ápice de seu poder terreno. É por esse sucesso fugaz que ele trabalha, pois, após esse único sucesso, nenhum outro será possível para ele.

Os objetivos de guerra de Nosso Senhor se resumem em uma palavra: Ele deseja reinar. Ele aspira exercer a realeza para a qual foi enviado. Mas Ele deseja reinar tanto na terra quanto no Céu. Se fosse suficiente para Ele reinar apenas na terra, dada a superioridade de Seu poder, Satanás teria sido vencido e expulso há muito tempo. No entanto, como Cristo também deseja reinar no Céu sobre a Igreja triunfante, Ele deve permitir que Seus súditos celestiais completem suas fileiras, passando pelo teste terrestre cada um a seu tempo. Ele se empenha, portanto, em respeitar a lentidão desejada. Ele modera Seus esforços para mantê-los em quase igualdade com os de Seu adversário. Ele porá fim às hostilidades e decidirá obter a vitória definitiva quando o número dos eleitos estiver completo.

Portanto, a batalha entre os dois corpos místicos não será o avanço regular e lento da Igreja. Pelo contrário, apresentará flutuações como se estivesse sujeita

> "aos caprichos da guerra".

Cada vitória parcial de Nosso Senhor será seguida por um contra-ataque do demônio, que reunirá suas energias e se vingará. Poderemos observar, para cada um dos dois campos, uma alternância entre derrotas e vitórias, avanços e recuos. E algumas dessas flutuações poderão até ter uma amplitude considerável. Por exemplo, após a edificação da Cristandade na Idade Média, a Igreja, a partir do Renascimento, só experimentou divisões e retrocessos, até a situação atual que constitui, segundo muitos observadores,

> "*a abominação da desolação no lugar santo, de que falou o profeta Daniel*" (Mateus XXIV, 15).

Quando Nosso Senhor tiver edificado um lugar elevado, Satanás não descansará até ter conseguido que este lugar seja ocupado pela besta. Quando Nosso Senhor tiver obtido uma vitória para marcar um ponto alto, Satanás estará à espreita da reaparição deste mesmo ponto alto no ciclo, para retaliar violentamente, como um inimigo invejoso e imitador. No entanto, apesar dessa quase igualdade de forças que resulta em flutuações tão graves, Nosso Senhor mantém no combate duas prerrogativas absolutas. Em primeiro lugar, Ele mantém a iniciativa das operações e, além disso, reserva para Si a vitória final.

É Jesus Cristo quem mantém a iniciativa. É Ele quem semeia o bom grão, e o inimigo só vem depois espalhar o joio (Mateus XIII, 24-25). É Ele também quem realiza primeiro a Sua Vinda à terra, em um momento em que os demônios não o esperam:

> "*Tu és o Filho de Deus, vindo para nos atormentar antes do tempo*" (Mateus VIII, 29).

"Antes do tempo", isto é, antes da data final do Juízo Final. Pode-se dizer, com toda a verdade, que Jesus Cristo, como faz um general sagaz, atacou de surpresa.

Quanto à vitória final, é evidente que ela está assegurada para o Filho do Homem. É reconfortante saboreá-la antecipadamente:

> "Pois já está em ação o mistério da iniquidade; somente aquele que até agora o retém, o fará até que seja tirado do meio. E então será revelado o ímpio, a quem o Senhor Jesus destruirá com o sopro de sua boca e exterminará com o esplendor de sua vinda" (II Tessalonicenses II, 7).

Mas esta aparição triunfal do Verbo Encarnado só ocorrerá após a apostasia geral e a vinda do "ímpio", também chamado de "filho da perdição". Enquanto aguardamos os tempos designados, o mistério da iniquidade opera na Igreja, isto é, a lenta maturação deste abscesso formidável. Assim, a vitória efêmera do Anticristo será imediatamente seguida pela vitória definitiva de Cristo.

Até o fim, a batalha entre os dois chefes e seus dois corpos místicos, a Igreja e a Besta, será uma sucessão de derrotas e vitórias, alternadas e opostas.

Revision #1
Created 24 June 2024 02:20:21 by Admin
Updated 24 June 2024 02:20:53 by Admin